

**BLUTEAU, RAPHAEL. VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO. HILDESHEIM:
GEORG OLMS VERLAG, 2002-2003.**

ADMA FADUL MUHANA
(USP)

Recentemente foram lançados, pela editora alemã Georg Olms Verlag, os dez volumes de que se compõe a obra mestra do Pe. Raphael Bluteau, *Vocabulario Portuguez e Latino*, cujo primeiro tomo saiu em Coimbra, em 1712, e o último em 1727, em Lisboa. Obedecendo ao estilo da época, seu aparatoso título completo é: *Vocabulario Portuguez, & Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomico, Hydrographico, Homonymico, Hierologico, Ichthyologico, Indico, Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico, Meteorologico, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quantitativo, Rhetorico, Rustico, Romano, Symbolico, Synonimico, Syllabico, Theologico, Terapeutico, Technologico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico, Autorizado com exemplos dos melhores Escriitores Portuguezes, & Latinos, e Offerecido a ElRey de Portugal, D. João V, pelo Padre Dom Raphael Bluteau, Clerigo Regular, Doutor na Sagrada Theologia, Pregador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Não é preciso esclarecer muito mais...*

Até a publicação, em *fac-simile*, desta edição -- de uma editora, aliás, que tem se destacado nos últimos anos por impecáveis edições críticas e comentadas de textos espanhóis e portugueses antigos, seja esgotados, seja disponíveis em maltratadas edições -- éramos obrigados, nós estudiosos e estudantes brasileiros, a consultar o *Vocabulario* nas seções de Obras Raras de umas poucas bibliotecas nacionais: em São Paulo, a Mário de Andrade e a Biblioteca da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco; no Rio de Janeiro, a Biblioteca e o Arquivo

Nacional. Se mais exemplares há em outros locais, desconheço. Uma vez, inclusive, estando na Nacional do Rio e tendo de consultar o *Vocabulario* para esclarecer a acepção de um termo presente no processo inquisitorial do padre Antônio Vieira, a funcionária exigiu-me que especificasse qual o volume que eu desejava consultar, uma vez que, pertencendo à seção de Obras Raras, só poderia trazer à leitura um de cada vez – e de nada serviu-lhe explicar que não podia saber em que volume se encontrava o termo em questão... Seu procedimento, justificável em obras de coleção ou periódicos que apresentam vários tomos, só por uma anomalia estava sendo aplicado a um dicionário, os quais comumente têm de estar disponíveis nas seções de Referência ou Usuais das bibliotecas – e é nelas que se encontra, em qualquer biblioteca portuguesa, o *Vocabulario* do Bluteau. Mas a raridade dos exemplares existentes no Brasil obrigava, e explica, tamanha reserva, o que não obstante dificultava sobremaneira os estudos. Agora, disponibilizado nessa edição fac-similada, o *Vocabulario* já pode ser consultado na Sala de Leitura Geral da Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp – e, em breve, é de se esperar, será adquirido por outras bibliotecas brasileiras. Lembre-se ainda que a Biblioteca Central da mesma universidade também adquiriu da Biblioteca Nacional de Lisboa os microfilmes da primeira edição desse que é considerado o primeiro dicionário de língua portuguesa.

Mas quando o padre Bluteau, pregador francês residente havia mais de trinta anos em Lisboa, se lançou à tarefa de publicar seu *Vocabulario*, é certo que outros já haviam empreendido a tarefa de ordenar, em língua vulgar portuguesa, dicionários para uso de doutos, indoutos e semidoutos. Vale a pena citar o *Diccionario Lusitano* (1611), de Agostinho Barbosa; o *Porta de lingoas* (1625), de Amaro de Roboredo, o *Thesouro da Lingoa Portuguesa* (1666), de Bento Pereira, o *Diccionario Portuguez e Latino* (1694), de Jerônimo Cardoso, nomes que, entre outros, ficaram na história da Lexicografia. Todavia, devido a sua amplitude e extensão, a enciclopédica obra do padre Bluteau se manteve como o mais fundamental instrumento de consulta para todo e qualquer estudo até o século XVIII inclusive.

Ora, que as palavras envelhecem, todos sabemos. Que os dicionários devam se ocupar primordialmente das significações contemporâneas, é fato. Mas fazer de conta que, aquelas, nunca foram viçosas e que, essas, são as únicas que importam, parece muita pobreza lingüística. Tirando a feliz exceção do recente *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* – que demonstra alguma preocupação em assinalar a partir de quando cada palavra tem o sentido que ali se especifica – os dicionários modernos fazem *tabula rasa* dos significados antigos, sequer os mencionando. Como se as palavras fossem a-históricas, e sempre tivessem tido o sentido com que hoje as conhecemos. Com isso, tem-se dificultado em muito a leitu-

ra dos textos de séculos anteriores ao nosso, já que nem o significado das palavras – para não dizer a tipografia, a sintaxe, a construção do pensamento – pode ser compreendido com o auxílio do instrumento a isso destinado: o tal dicionário.

Esta é uma das principais razões pelas quais o velho *Vocabulario portuguez e latino* é-nos tão precioso. Por ele, sabemos por exemplo que, até os anos de 1700 pelo menos, ‘surgir’ é termo náutico que significa “tomar porto, aportar” e que só metaforicamente significa “subir, levantar-se, tirar-se”; daí que, quando lemos na *Década I* de João de Barros, de 1542, que as naus “surgiram diante da povoação” – não devemos compreender, desavisadamente, que elas apareceram aos olhos do povo, mas sim que os navegantes ali tomaram porto. Outro exemplo, ao acaso, ainda da letra s: ‘sentimento’ significa, quase sempre, “pena, que se toma de alguma cousa”, correspondendo ao termo *dolor*; isto é, nunca pode haver um “sentimento” alegre, amoroso, de felicidade, etc., porque é o mesmo que dor, padecimento; quando não, ‘sentimento’ também pode significar “opinião, o que se sente nesta ou naquela matéria, parecer”. Imagine-se que interpretação equivocada não é possível com um verso como o da *Écloga XV* de Cláudio Manuel da Costa, publicada nas *Obras* de 1768, no qual se diz: “Bem o meu sentimento manifesta” – se pensarmos ‘sentimento’ apenas nas acepções que constam no *Dicionário Aurélio*. E, para terminar, um trocadilho de Francisco Manuel de Melo, no *Apólogo dos Relógios falantes* (ca. 1650), cuja compreensão fica bastante prejudicada se não levarmos em conta as significações da época. O relógio da cidade encontra o da aldeia e pergunta-lhe de onde ele é; o da aldeia responde: “Vilão sou, não há aí negá-lo, que é o pior das vilanias”: ou seja, o relógio vem de uma vila (não que seja um malfeitor...!), e negar essa procedência é o maior provincianismo que há.

Outras considerações ainda um dicionário como este suscita. Quando lemos as definições que o padre Bluteau traz, desconfiamos que um autor de dicionário nesse tempo julgava ser de sua alçada não apenas ensinar (*docere*), secamente, mas ainda mover (*movere*) e deleitar (*docere*) seus leitores com a vida latente das palavras, cheias de histórias cada uma, em cada poema, crônica, ou prosa na qual comparecem. Como pensar diferente quando lemos a definição, por exemplo, de:

RUA: o espaço que ha entre as casas de huma cidade, para a passagem da gente. Derivase do Francez *Rue*, que significa o mesmo; e os Francezes derivão o seu *Rue* do verbo Grego *Ruo* ou *Reo*, que val o mesmo que *Fluo* em Latim, e em Portuguez *Corro*, (fallando em cousas liquidas) porque pelas ruas corre a agua da chuva, que cahe dos telhados, como tambem a dos poços, e das fontes, que se derrama nas ruas. Tambem corre a gente as ruas, e cada hua dellas he hua corrente do povo, que vay a seu negocio. [...] Segundo alguns Etymologicos modernos, *Rua* antigamente na infima latinidade

chamavase *Ruga*, e a razão da dita etymologia, he que nas Villas, e Cidades, as ruas fazem o mesmo effeyto, que na testa as rugas...

Note-se que, apesar das metáforas, que vivificam o conceito, a atribuição de origem não é muito distinta da de um Houaiss: “lat. *rúga,ae* ‘ruga’, no lat. vulg. ‘caminho’ e depois ‘via margeada por casas’, talvez tenha havido infl. do fr. *rue* (1080) ‘id.’, com essa mesma acp. existiu no esp. ant. *rua* (1129)”. O que, sim, totalmente os distingue é o modo de conceituar a mesma origem, uma vez que, no *Dicionário*, ela se insere numa ciência da língua e, no *Vocabulario*, numa poética da linguagem. Afinal, “as palavras não significam por sua natureza, mas por instituíam dos homens; e cada Nação, assi barbara, como polida, deu principio, e sentido às palavras, de que usa” (Catalogo Alfabético, Topographico, e Chronologico dos Autores Portuguezes citados pella mayor parte nesta obra, vol.1, s/p.). Tanto parece ser assim para nosso filólogo que o *Vocabulario Portuguez* apresenta, além do dicionário propriamente dito e dos Catálogos de obras de referência e abreviaturas, uma divertidíssima “Prosopopeia del Idioma Portuguez a su Hermana la Lengua Castellana”, no volume VIII; um “Vocabulario de nomes propios gentilicos, e christãos”, entre os quais constam “Nomes de cavalleiros andantes e outros destes livros”, um “Vocabulario de sinonimos, e phrases portuguezas”, outro de nomes de plantas e outro ainda de topônimos de Portugal e das colônias. Para não falar no esquisitíssimo “Vocabulario de termos propios, e metaphoricos, em materias analogas”, que vem a ser um como prontuário aos oradores e poetas para que encontrem o termo adequado ao lugar comum de uma matéria, como de Arquitetura, de Aritmética, de Anatomia etc. Por exemplo, “termos de danificar, e pejorar”:

[...] Aves, e animais daninhos,
A pena do dano, Termo Theologico
Cousa danosa, que causa dano
Fruta mà dana o estomago
Danarse a espada, he não cortar bem, danarse o ferro he ficar obtuso.
Rara he no Mundo a cousa, que de outra não receba algum dano, ou desdouro. Nos metaes da ferrugem, e na seara a mangra. O diamante antes de lavrado he bruto. [...] Tem seus vicios o sangue, degenera o grão em joyo. Roe a madeira o caruncho, come as parras o pulgão, dà nos livros a traça. Têm para si os Filosofos que cada planta tem sua lagarta. [...] Atè no trato da vida civil, e nas conversações, em que se fala no proximo, ha dous bichinhos, a saber, o *Mas* e o *Senão*, com que os maleditos subtilmente roem tudo o que ha de bom, e de bello no Mundo.

Claro, não faltaram acerbas criticas à concepção deste dicionário, ainda mais escrito por um gaulês em Portugal, mas são essas e outras qualidades que fazem

do *Vocabulario portuguez e latino* uma obra única no seu gênero, refletindo como poucas o momento em que foi escrito e, de modo primoroso, concepções de linguagem do final do Seiscentos. Enfim, também a nós é dirigido o seu Prólogo, “a todo gênero de leitores”: além do benévolo e do malévolos, o leitor português, o estrangeiro, o douto, o indouto, o pseudocrítico, o impertinente, o mofino, e nós, os já não tão modernos.